

Entrevista com Titos Pelembe

Artista multidisciplinar, Curador investigador e Doutorando em Educação Artística. Colabora com a Galeria Kulungwana, Museus do Mar, Núcleo de Arte de Maputo, Revista Artcapital e Galerias Municipais de Lisboa. Participa em exposições, residências e coordena projectos de intercâmbio em Moçambique, Angola, Portugal, Itália e Holanda.

P: Sabemos que reside em Lisboa, como é que iniciou seu intercâmbio com outros países e sobretudo com Itália.

TP: Muito obrigado por esta oportunidade de interagir com os demais que a posterior, irão acompanhar a entrevista. Resido em Portugal enquanto estudante, mas a minha base sempre foi aqui [Moçambique]. Sempre tento fazer uma harmonia entre estar cá e lá, na medida do possível. As pessoas que não me conhecem devem pensar que eu vim de Lisboa para aqui, enquanto, eu sai daqui para Lisboa.

P: Como iniciou a sua ida aos outros países?

TP: O meu intercâmbio fez-se durante o tempo da minha formação, na Escola de Artes Visuais, sobretudo a partir do ano 2003 até 2009, foi numa altura em que conclui o curso médio de Cerâmica de Formação Psicopedagógica. Então, a partir desse intervalo de tempo de interagir com diferentes artistas oriundos de vários países da Europa e da região da África Austral. A localização da antiga Escola de Artes Visuais era privilegiada no que diz respeito as dinâmicas culturais da Cidade de Maputo, esteve situada na Avenida Fernão Magalhães, uma zona bastante activa, porque temos ali o Centro Cultural Franco-Moçambicano, Gil Vicente, entre outras casas culturais que dinamizam a vida.

P: A sua biografia menciona algumas viagens feitas no âmbito do intercâmbio cultural. Pode falar sobre isso?

TP: Tenho tido oportunidades de viajar desde 2005, tanto para dentro do País (Províncias)- uma vez que sou colaborador de várias instituições- e também para a região da África Austral e Portugal. Infelizmente, não tive oportunidade de estar na Itália ainda, mas a partir de alguns projectos, acredito que nos próximos anos, irei conseguir chegar. Já estive em Holanda, onde sou Embaixador dum festival, chamado Festival Internacional da Ilha de Moçambique que decorre justamente na Ilha. Alguns intercâmbios por vezes, surgem de forma espontânea na medida em que vamos apresentar um projecto, recebemos um convite.

Também criam-se projectos mais efêmeros com artistas, nossos projectos envolvem sempre comissões, muitas dessas viagens são patrocinadas pelo próprio artista. No início da minha carreira, eu sempre patrocinei as minhas viagens, exceptuando algumas.

P: Como conheceu o senhor Piero Reis para organização desta exposição?

TP: Essa exposição surge no contexto do lançamento do livro “Do Passado ao Presente Rumo ao Futuro - De Maputo a Veneza”, com a presença da Ministra da Cultura e Turismo, Eldevina Materula e também do Embaixador da Itália em Moçambique, Gianni Bardini. Também tivemos a honra de receber o coleccionador Piero Reis. O projecto surgiu em 2020, quando o coleccionador teve conhecimento dum programa que lidero nas redes sociais, que visa valorizar artistas que residem na Diáspora.

A partir deste contacto, tive conhecimento da existência dessa colecção e tive o desafio de fazer a curadoria com a mesma. O coleccionador sugeriu que para além de fazer um simples catálogo, seria oportuno trazer mais perspectivas a nível de discurso de temáticas a nível do enquadramento da própria história de Arte. Também foi uma forma de usar a partida uma colecção enquanto instrumento de contacto entre a Academia, os Museus e colecionadores. Acima de tudo, o livro visa documentar a História.

O livro manifesta as novas abordagens num contexto de Moçambique Pós-colonial. É muito importante que haja outra forma de pensar e outros discursos artísticos. A história não deve ser unilateral, mas sim multilateral, havendo muitas vozes se engajando na produção do conhecimento. Resumindo, esta exposição é uma forma simbólica de representar o universo do acervo que compõe a colecção, que é composta de mais de 83 obras de diferentes disciplinas. As disciplinas são a Pintura (a que mais se destaca), o Desenho, a Gravura e a Escultura. Do ponto de vista metodológico, a colecção é composta de artistas desde os anos 1930 até 1980, que é a geração mais nova da qual eu faço parte.

Na primeira geração, tem-se uma geração basilar, composta por artistas como Jacob Estevão, Chissano, Malangatana, Manqueu, Samate, Noel Langa e outros. A exposição também procura trazer esta linha do tempo, mas também procura criar intersecções das várias transformações ou metamorfoses que foram se conhecendo ao longo do tempo. Hoje percebo que olhando nas obras dos artistas dos anos 30 e comparando com a dos artistas dos anos 70, o discurso é diferente, falo do Tsheca que nasceu na década de 1970 que apresenta um trabalho diferente. Tem o caso de Nélia Sanguane que é uma das mulheres juntamente com a Márcia que tem um discurso poético que é diferente dos restantes artistas. Portanto a exposição, sobretudo é este cruzamento Intergeracional.

P: Para além desta exposição, teve outras com aderência Italiana?

TP: Falando particularmente deste evento na qual estou inteiramente ligado, natural e justo que a contraparte italiana estivesse cá presente porque, é uma peça de xadrez. De salientar que graças ao esforço do colecionador, Piero Reis e a colaboração da Embaixada Italiana, foi possível organizar este evento. Isto abre outro tipo das relações culturais ou políticas entre os dois estados, cujas relações existem há vários anos. É importante referir que para além desta grande parceria inicial, é importante que sejam abertas outras frentes, esta é uma das frentes que a partir das artes e cultura, possa atingir outros domínios técnicos, científicos, etc.

É de salutar que a parte italiana estivesse, e que se espera que no futuro breve, Moçambique consiga estar na exposição de Veneza, que é um esforço exercido entre as partes, para que Moçambique consiga ter uma representação. No sentido da forma como Moçambique tem sido representado nos jornais de Veneza, esperamos que a partir desta parceria consigamos abrir um espaço para o efeito. Portanto, tem sido dentro desta parceria que o evento tem estado a correr conforme ontem tiveram a oportunidade de testemunhar.

P: Alguma vez teve oportunidade de manter contacto com algumas artes italianas?

TP: O contacto que tive com as artes italianas, é uma questão contundente porque quando se fala da História da Arte Universal, fala-se do Renascimento na Itália. Ainda não tive o privilégio de ver as obras fisicamente, mas posso dizer que tenho contacto com as obras a nível de conhecimento científico e investigação. Penso que também é altura dos italianos entrarem em contacto com a arte moçambicana.

P: Pode falar do processo em que conheceu o colecionador Piero Reis?

TP: Conheci-o através dum programa de Podcast que chama-se “Repensar as Artes” ou “pensar as Artes”. Faço uma brincadeira do futurismo, do presente e de repensar o que foi construído. Está disponível no Facebook, há várias entrevistas gravadas com artistas residentes na Diáspora. Estes artistas são os não visíveis no nosso País de ponto de vista cultural devido a fragilidade do próprio sector cultural e questões ligadas a logística e curadorias.

O programa visa dar Voz aos artistas pelo País e pelo Mundo e também traz uma informação útil para certas pesquisas científicas para estudantes das escolas artísticas como da Escola das Artes Visuais, do ISARC e UP. O programa já entrevistou o colecionador Piero Reis onde falou sobre as suas aventuras e colecção onde expressou seu sonho de expandir a arte moçambicana além-fronteiras.

P: O livro fala de 34 artistas sendo que a exposição só tem apenas 22 obras. Qual foi o critério usado para a selecção dessas obras?

TP: O título “Do Passado ao Presente”, percebi que a colecção é composta por artistas que fazem parte do nosso passado histórico, como Jacob, Chissano e Manqueu nasceram no contexto colonial. “Do Passado ao Presente”, porque hoje estou olhando este acervo com outras lentes e fiz uma saída do passado para o futuro. O título faz este cruzamento, rumo ao Futuro. “De Maputo a Veneza” porque a colecção é formada a partir de obras de artistas de Maputo, mas que no entanto, através do sonho do coleccionador, o seu espólio viajou de Maputo a Veneza.

Faço um pouco desta analogia e creio que irá surgir vários projectos a partir deste cruzamento. As obras aqui na exposição são representativas porque seria difícil trazer todas obras da colecção. Era importante apenas trazer o fio condutor da colecção, a ideia é potencializar cada vez mais a colecção de modo que seja conhecida. Usou-se obras de artistas mais consagrados da era colonial cujas obras fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arte. Este [Museu Nacional de Arte], cedeu algumas das suas obras para serem expostas neste evento, as restantes obras são de artistas que de forma natural gostaram da iniciativa e aderiram.

Temos o livro como a grande exposição onde estão reunidas todas essas obras. É neste contexto que somente 22 obras foram colocadas na exposição. As obras estão enumeradas e estão à venda com um preço de acordo com o simbolismo da sua produção. O livro também pode ser adquirido nas instalações do Museu, enquanto visitam a exposição que está aberta a consulta.